

*Para Jake Sandberg —
primo, companheiro de aventuras, cúmplice
de esquemas, e meu primeiro melhor amigo —
este livro é-te afetosamente dedicado.*

1

Os gémeos

Era uma vez dois irmãos, tão parecidos um com o outro como tu com o teu reflexo. Tinham os mesmos olhos, as mesmas mãos, a mesma voz, a mesma curiosidade insaciável. E embora se estivesse geralmente de acordo que um era ligeiramente mais rápido, ligeiramente mais inteligente, ligeiramente mais maravilhoso do que o outro, ninguém conseguia distinguir os rapazes. E, mesmo quando pensavam que conseguiam, costumavam estar enganados.

– Qual deles tem a cicatriz no nariz? – perguntavam. – Qual deles é o do sorriso atrevido? O inteligente é o Ned ou o Tam?

Ned, diziam alguns.

Tam, diziam outros. Não conseguiam decidir-se. Mas era certo que um deles era o melhor. Era evidente.

– Pelo amor de Deus, rapazes – suspiravam os seus vizinhos irritados –, podem ficar quietos para vos olharmos como deve ser?

Os rapazes não ficavam quietos. Eram um turbilhão de gritos e esquemas e sorrisos perversos. Não era fácil identificá-los. E assim

a questão de qual deles era o mais rápido, o mais inteligente, o mais maravilhoso, era ainda objeto de algum debate.

Certo dia, os rapazes decidiram que era mais que tempo de construírem uma jangada. Trabalhando em segredo, e com grande atenção aos detalhes, construíram-na recorrendo a restos de madeira e pedaços de corda, de móveis partidos e paus, tendo o cuidado de esconder o trabalho da mãe. Quando sentiram que a embarcação estava em condições de navegar, deslizaram-na para o Grande Rio e subiram a bordo, na esperança de chegar ao mar.

Estavam enganados. A embarcação não era capaz de aguentar o mar. As correntes apressadas afastaram logo a jangada, e os rapazes foram atirados à água, lutando pelas vidas.

O pai deles, um homem grande e forte, mergulhou na água e, embora mal soubesse nadar, lutou através da corrente rumo aos filhos.

Uma multidão reuniu-se à beira da água. Tinham medo do rio – medo dos espíritos que viviam na água e poderiam agarrar um homem, se não tivesse cuidado, e puxá-lo em direção à lama escura no fundo. Não mergulharam para ajudar o homem ou os filhos que se afogavam. Em vez disso, gritaram comentários úteis ao pai aterrorizado.

– Não te esqueças de manter a cabeça deles à tona quando os arrastares de volta – gritou uma mulher.

– E se puderes salvar apenas um – acrescentou um homem –, certifica-te que salvas o *certo*.

A corrente separou os rapazes. O pai não conseguia salvar os dois. Esperneou e praguejou, mas, quando alcançou um dos rapazes –

O FILHO DA FEITICEIRA

o mais próximo –, o gémeo dele tinha sido varrido para longe, pelo rio abaixo e fora de vista. O corpo dele foi arrastado para terra mais tarde nesse dia, inchado e aterrorizado. As pessoas juntaram-se à volta da criança pequena e morta e abanaram a cabeça.

– Devíamos ter sabido que se ia atrapalhar – disseram.

– Salvou o errado. Sobreviveu o rapaz errado.

2

Uma agulha afiada e um pouco de fio

O rapaz errado mal estava vivo. Tinha engolido tanta água turva do rio que a sua barriguinha inchou. Os pulmões fraquejaram sob o peso da água – sorviam e arquejavam e não sustinham o ar. O pai deitou delicadamente o rapaz no chão e inclinou-lhe o queixo para trás. Pressionou os lábios nos lábios dele e soprou ar adentro da boca do rapaz, uma e outra vez.

– Não tenhas medo – sussurrou o pai. – Não tenhas medo – no entanto, ninguém sabia dizer se falava para si ou para o rapaz.

O rapaz não respirava.

– Vá lá, Neddy – disse o pai. – Meu pequeno, querido Ned. Vá lá, acorda para o Papá. Abre os olhos.

Mas o rapaz não abria os olhos. Por fim, após várias respirações forçadas na sua boca, Ned arquejou. Tossiu várias vezes, à medida que a água do rio saía em grandes jorros da sua boca. Respirava, embora não muito bem. Os seus lábios estavam azuis e a pele tão branca como a cal. O pai tirou o casaco e enrolou-o à volta do filho.

Ned tossia com violência, e o seu corpinho agitava-se da cabeça aos pés.

– O mar, Tam – suspirou. – O-o-o m-m-mar... – Todo ele tremia. Os dentes rangiam. O pai envolveu-o nos braços e levou-o para casa.

Quando chegaram, Ned estava inconsciente com febre, e o pai não o conseguia despertar.

No rio, um punhado de homens e mulheres da aldeia caminhavam em silêncio pela longa e solitária margem para recuperar o corpo do gêmeo afogado. A mãe do rapaz esperava, sentada numa rocha, de costas direitas a franzir o tecido do vestido, reunindo mãos-cheias da saia e deixando-a deslizar pelas mãos abertas vezes sem conta. Fixava o olhar no vazio. Tinha um nome, mas ninguém o usava. Os filhos tratavam-na por Mãe, o marido por Mulher, e os restantes por Irmã Feiticeira. Era uma mulher de poder, amada e ressentida, e davam-lhe ouvidos – *sempre*.

– Toda aquela magia – murmuravam as pessoas entre si enquanto embalavam o rapaz morto nos braços e o levavam de volta – e para nada. Não consegue salvar os próprios filhos. Para que raio lhe serve?

A Irmã Feiticeira era a guardiã de uma pequena reserva de magia – tão antiga e tão poderosa que todos sabiam que mataria um homem se este lhe tocasse –, mas não lhe servia de nada. A sua magia só podia ser usada ao serviço de outros. (As pessoas acreditavam nisto, e a Irmã Feiticeira permitia. Só se enganavam numa palavra. *Devia*. Só *devia* ser usada para os outros. Era uma coisa perigosa, a magia dela. Com consequências.)

– Que estupidez – diziam. – Um desperdício.

Mas alguns, que recordavam a ajuda que tinham recebido da feiticeira – doenças curadas, colheitas salvas, filhos perdidos encontrados por milagre –, e que ainda estavam gratos, levaram as mãos à boca para travar a tristeza.

– Pobre Irmã Feiticeira – lamentaram. – Pobrezinha – e ficaram desgostosos, só um pouquinho.

A mãe do rapaz ouviu o murmurinho, mas não deu resposta. As pessoas pensavam o que queriam, e era provável que pensassem mal. Não era nada de novo.

Por fim, à medida que a luz do dia começava a rarear, o rapaz morto foi levado à sua mãe. Ela caiu de joelhos.

– Irmã Feiticeira – chamou uma mulher mais velha. Chamava-se Madame Thuane e era o membro mais novo do Conselho de Anciãos. Embora fosse normalmente imperiosa e demasiado formal, para não falar das suspeitas que tinha da feiticeira, a presença da criança morta parecia perturbá-la. Os olhos lacrimejavam e a voz falhou-lhe. – Deixa-me trazer-te um pano para o envolveres. E vamos amortalhá-lo com toda a delicadeza.

– Não, obrigada – disse a Irmã Feiticeira. Ninguém a podia ajudar. Não desta vez. Ignorou os olhares dos vizinhos nas costas enquanto pousava a cabeça do rapaz no ombro; pôs-lhe os braços à volta do corpo e levou-o para casa pela última vez.

A casa, quando voltou, estava silenciosa e triste. O marido estava deitado no chão, junto à cama, completamente esgotado de preocupação e pesar.

Ned, o filho vivo, estava com dificuldades em respirar. Tinha os pulmões húmidos e enlameados. O Grande Rio fervia dentro dele,

a sua febre a reclamar a vítima que deveria ter-se afogado. Havia poucas hipóteses de o rapaz sobreviver à noite. Não sem ajuda.

– Oh, não – sussurrou a Irmã Feiticeira. – Isso não pode mesmo ser. O meu pequeno Ned vai viver.

Foi a um cesto de costura buscar uma bobina de fio preto forte. Retirou a agulha mais afiada e, passando a ponta ao longo da borda de uma pedra de amolar repetidamente, deixou-a tão afiada que o mais leve toque num dedo produziu uma pequena floração de sangue vermelhíssimo.

Fez uma pausa, levou o dedo ferido aos lábios e chupou o sangue. Fechou os olhos e parecia, por um momento, que estava a tomar uma decisão.

Não devia. Não não podia.

As vigas da casa rangiam e as traves do telhado estremeciam e um fumo sujo escapava através das tábuas do chão.

A casa fedia a magia – a enxofre, depois a cinza, depois a uma doçura em bolhas.

A magia, sabia, estava desperta, atenta e esfomeada.

Queria *sair*.

– Fica onde estás – ralhou a Irmã Feiticeira. – Não vou precisar de ti.

A magia, uma coisa antiga e mal-humorada, não disse nada de início. Estava presa dentro de um pote de barro e em segurança na oficina da Irmã Feiticeira – uma sala seca e arenosa escavada debaixo da casa, acessível apenas pelo alçapão escondido debaixo do tapete.

Não o consegues fazer sem nós. A magia não disse isto em voz alta, mas a Irmã Feiticeira sentiu-o na mesma. *Anda lá, sua velha malvada e autoritária. Deixa-nos sair. Queremos ajudar.*

– Estou a falar a sério – disse, embora a sua voz tivesse muito menos convicção do que antes. – Safo-me bem sozinha. E tu só vais atrapalhar.

A magia murmurou uma palavra feia, mas a Irmã Feiticeira ignorou.

Irritada e agitada, bateu com o pote contra a estante, e depois ficou em silêncio. Uma espécie de silêncio apertado, seco, à escuta, como se estivesse a sustar a respiração.

– Linda menina – elogiou a Irmã Feiticeira em voz alta, como se elogiasse uma criança petulante. Em seguida, meteu mãos à obra.

Vasculhou na sua arca de tecidos até encontrar um pedaço de tecido branco – não tão limpo como esperava, mas quanto bastava.

Não chega, sussurrou a magia.

– Não te vou dar ouvidos – afirmou a Irmã Feiticeira, enquanto tentava raspar as manchas com a unha do polegar.

Vá lá, insistiu a magia. *A morte não é para os poderosos e não é, certamente, para os inteligentes. O rapaz não tem de morrer. Por acaso sabes para onde vão os mortos? Nós também não, nem é nossa intenção saber. Deixa-nos ajudar, Queridíssima Feiticeira. Por favor.*

A Feiticeira não deixava a magia ajudá-la. Era o que dizia a si mesma enquanto afastava o tapete do alçapão com o pé. Não usaria a magia para ganho pessoal. Era o que dizia a si mesma enquanto descia a escada e enfrentava o pote de barro na prateleira.

– Isto não é magia – disse, colocando a meada de fios em cima do pote. O pote de barro estremeceu e fumegou. O fio brilhava cor-de-laranja, depois amarelo, depois azul, depois branco. Tremeluzia.

– *Ab!* – suspirou a magia. – *Ab, ab! Nós sabíamos...*

– SILÊNCIO – ordenou a Irmã Feiticeira, e a magia obedeceu. Enrolou o fio no pano, e apressou-se pela escada acima, como se estivesse queimada.

O fio era tremendamente pesado.

Doíam-lhe as mãos só de o segurar.

– Não é magia – repetiu, em voz alta, como se assim pudesse tornar isso verdade.

E não era, afinal de contas, magia. Não propriamente. O fio nunca chegou a tocar mesmo no poder dentro do pote de barro. Apenas estava *perto* dele. Há uma grande diferença entre *quase* e *mesmo*. Tal como havia diferença entre *devia* e...

Afastou o pensamento.

O corpo de Tam estava deitado na mesa da cozinha – frio, inchado e terrivelmente quieto. A Irmã Feiticeira sentou-se ao seu lado, percorrendo-lhe as bochechas e as sobranceiras com a mão, deixando os dedos enredarem-se naqueles caracóis escuros e húmidos. E esperou que o sol se pusesse.

Quando alguém morre, a alma fica presa dentro do corpo até ao cair da noite. Então emerge e vai... para outro lado. Ninguém sabia para onde. A Irmã Feiticeira já o vira muitas vezes. Mas nunca interferiu.

Até agora.

O sol pairava sobre a orla do céu, vívido e gordo como um pêsego demasiado maduro, antes de cair rumo à noite. A luz deramava-se por cima em cores garridas; era um céu que se anunciava a si próprio.

Ned tossiu e suspirou.

– T-t-tam – suspirou por entre a sua fantasia.

– Em breve – a mãe falou com o filho vivo do outro lado da sala. Debruçou-se e beijou cada pálpebra do gêmeo morto. – Muito em breve.

O sol expandiu-se, ondulou e desapareceu no firmamento. O corpo de Tam estremeceu ligeiramente, e ela viu a alma sair da sua boca, tal como sabia que aconteceria. E, oh! Foi lindo! A alma apareceu lentamente, desdobrou-se pétala a pétala, antes de se abrir como uma flor e pairar diante dela. A Irmã Feiticeira sentia-se a recuperar o fôlego. *O meu filho!*, pensou. *Meu querido, querido filho.* Atirou o pano branco sobre a alma e enfaixou-a como um bebé. Segurou-a no peito, cantarolando ao mesmo tempo.

A alma agitou-se e sacudiu-se dentro do embrulho. Estremeceu e contorceu-se sob o pano branco, desesperada por fugir.

– Eu sei, querido – sussurrou à alma. – Eu sei, meu querido, querido filho. Lamento, mas não vos vou perder aos dois. Não de uma vez. Não vou aguentar.

A Irmã Feiticeira mantinha a voz uniforme e suave. Mas o coração quebrava-se dentro do corpo. Desfazia-se em pedaços. E nunca cicatrizaria. A Feiticeira trouxe a alma aos seus lábios, beijando-a suavemente.

– Fica com o teu irmão – pediu, enquanto pressionava a alma no peito do filho moribundo. – Mantém-no vivo – continuou, apressando a agulha. – Mantém-no em segurança – reiterou, desembainhando o fio, cortando uma parte com os dentes.

E então, enquanto perfurava a alma e o rapaz, enquanto cosia os dois juntos, disse o seguinte:

O FILHO DA FEITICEIRA

– A mãe ama-te. Nunca te esqueças.

Entretanto, na escuridão, e na casa de luto, a alma abriu a garganta e gritou.

E o grito tornou-se um suspiro.

E o suspiro tornou-se tosse.

E Ned começou a ficar curado. E sobreviveu.